

Entrevista com Edith Motta, realizada em 10 de novembro de 1976 em sua residência, por Arlete Alves Lima.

(E) - Então faça a primeira pergunta ?

(A) - Edith, a primeira pergunta é ; Os motivos que a levaram a fazer o Serviço Social ?

(E) - É o seguinte ; então vou repetir.

Quando saí do Colégio ...

(A) - Ah ! não apertou os dois ?

Se não apertou os dois ?

(E) - Minha flor, apertei os dois, esta gravando (risos). É o seguinte :

No meu tempo, o ginásio não era de 4 anos, era de 5.

Quando a gente terminava o 5º ano, tinha que fazer um curso, que era; não era, pré-vestibular; tinha outro nome : pré-médico, pré-engenharia, pré-não sei o que.

Eu não sabia por onde me virar, o que eu ia fazer. Porque eu queria ser Engenheira, mas meu pai achava que Engenharia, não era profissão para mulher.

Então eu terminei fazendo, entrando nesse Instituto da Marsaud, que estava recentemente fundado, e que funcionava ali, na Voluntários da Pátria.

E ali me matriculei no curso de Educadora Familiar. Porque a minha família achava que Assistente Social, não era bom, porque tinha que ir para a "favela", e "favela" não era lugar para gente "bem", como eles achavam que eu era.

Então, eu fiz primeiro, o curso de Educadora Familiar, mas no fim do ano, meu pai resolveu ir para Natal, e levou a família inteira.

Então, eu nem terminei os exames do primeiro ano, e fui para Natal. Lá passei os 3 anos da guerra.

Quando voltei, eu estava neste impasse, que eu tinha que trabalhar e não tinha uma profissão .

Então resolvi ser "costureira" (risos). Não me dei bem como "costureira", pois nem sabia arranjar freguesia, nem sabia cobrar essas possíveis freguesas, então eu me lembrei de fazer o curso de Serviço Social, aproveitando as matérias que eu já

tinha no primeiro ano.

Então, num ano só eu fiz os exames que eu não tinha feito no primeiro ano, as cadeiras do primeiro ano, que eu não tinha feito e todas cadeiras do segundo ano.

Em 1946, então eu defendi uma tese, cujo nome já esqueci, mas que você diz aí, como é que é?

(A) - Aplicações do processo de Serviço Social, à uma Comunidade.

(E) - Então foi isso!

(A) - Essa experiência foi da onde você fez?

(E) - Pois é. Essa experiência foi a coisa mais engraçada.

Eu trabalhava na "AGIR". Eu fui fazer estágio na "AGIR".

(A) - Editora?

(E) - Editora. Que era serviço de empresa, não é?

(A) - O que você fazia lá?

(E) - O que eu fazia, era praticamente nada, não é? Porque eu não sabia realmente, o que eu podia fazer.

A questão da função do Assistente Social, e até hoje é um problema e naquele tempo era maior.

Então, a gente começava com aquele entusiasmo de fazer uma entrevista individual com cada operário, aí tinha composição familiar, a hora que ele tinha entrada na coisa, salário, número de filhos, se era registrado ou não.

Passado daí, ele não sabia mais o que ia fazer. Então, a Marsaud mandava a gente estudar Comunidade.

E ficava eu, batendo pernas naquela Comunidade; até que me lembro, um dia um cachorro avançou em cima de meu joelho (risos).

Meu Deus do Céu, era uma coisa horrível, não? Então, eu fiz essa experiência, e depois fiz esta tese, que não sei como é que foi aprovada, eu já não me lembro mais nada.

Eu tentei entrar em contacto lá com a paróquia, sabe? E lá na paróquia, até foi uma das coisas que eu fiz na minha vida. É que eles tinham muita vontade de construir uma Escola.

Então eu consegui uma subvenção com Cândido de Paula Machado, que dava 560 cruzeiros por mês, e com a Legião Brasileira de Assistência.

A Zilá Thimóteo da Costa, arranjou essa subvenção para mim. Nós construimos uma Escola, que até hoje está funcionando.

(A) - Beleza, heim ?

(E) - É. Então foi uma coisa muito, até a minha avó se chamava "Cândida", e o homem que ajudou iniciar ~~me~~ cahamava "Cândido".

Então, eu propus que a obra se chamasse "Santa Cândida", que era uma homenagem muito mais, a minha avó, mas que ele poderia ...

Aí minha filha, a Marsaud, a Aracy Cardoso, que de maneira nenhuma, tinha que ser "Santa Cecília", porque a mulher do "Cândido" se chamava, "Cecília" e eu, muito submissamente aceitei o "Santa Cecília", e ficou "Santa Cecília".

E qual não foi a minha surpresa, quando um dia eu chego lá, e o homem tinha batizado a Escola, de "Santo Antônio" (risos).

(A) - Então não foi uma coisa nem outra, foi "Santo Antônio".

(E) - De maneira que a Escola ficou sob proteção de todos os Santos (risos).

Mas esse negócio, acho que está funcionando até hoje, sabe ?

(A) - Sei.

(E) - Era pra ser... Ah! não me lembro mais. Foi há tantos anos.

Eu sei que por conta dessa experiência que eu tive de bater pernas lá em Parada de Lucas; que a minha mãe chamava de "malucas", dizendo : Que moças malucas.

(A) - Você morava na zona Sul ?

(E) - Eu morava em Botafogo .

(A) - E como você ia para Parada de Lucas ?

(E) - De trem minha filha .

(A) - De trem ?

(E) - De trem da Leopoldina, aquele trem "Maria Fumaça", uma coisa horrorosa.

Ia pra lá, Depois eles me contrataram, eu até ganhei um dinheirinho. Mas depois eu saí de lá e quem ficou no meu lugar, foi uma outra moça, não sei o que fim levou, na certa acabaram com o Serviço .

(A) - Sei.

(E) - Fizeram muito bem. Porque a gente não fazia mesmo nada lá (risos).

(A) - Sei.

(E) - Aí então, é que eu fui trabalhar numa outra empresa, aí já foi moda, não é ?

Porque naquele tempo eu ainda estava de estagiária. Aí deu-se aquele mesmo melo-drama. É que fiquei fazendo um estudo da clientela, e um dia, o gerente me falou que eu já tinha estudado bastante e que eu agora precisava fazer alguma coisa. Agora, o que eu ia fazer é que não sei (risos). Que era um problema.

Realmente a formação que a gente recebia; agora eu não sei, deve estar melhor, não dava margem para você implantar um Serviço. Eu estava recém formada, eu acho que tinhia 23 anos.

E botar para dirigir um Serviço de empresa, que é um campo dificílimo, aquilo era uma loucura.

(A) - E naquela época, com grandes problemas com os operários.

(E) - Como até hoje, né ?

(A) - É.

(E) - Quando a gente ia ver problemas de casar os operários, que era aquilo que nos ensinavam na Escola.

O problema é que eles não ganhavam suficiente . o problema era ganham mais.

E eles diziam : Mas o senhor não queria legalizar a sua situação (risos).

E naquele tempo a orientação do Serviço Social, era todo sectarista mesmo.

Era todo uma orientação religiosa, não é ? Não sei o que as outras pessoas desseram. Mas a verdade ...

X (A) - Era muito mais uma linha de apostolado do que profissional ?

(E) - Exato. Inclusive os padres perguntavam assim : Você procura fazer de sua profissão um apostolado religioso ? Era o que se pretendia, era isso.

Era uma linha de apostolado. E o patrão não estava disposto a pagar uma pessoa para fazer apostolado, dentro de sua ...

(A) - Empresa.

(E) - É. Inclusive, nessa ocasião, fui chamada por uma pessoa da Ação Católica, querendo

que eu fizesse dentro da fábrica, um Grupo de JOC.

Porque o Serviço Social da empresa, era visto realmente assim, como um apostolado em que a gente devia fazer a páscoa, fazer casamento religioso, mandar as pessoas irem à missa; era o que nos ensinavam.

Hoje em dia ainda tem centro de religião?

(A) - Tem. Lá na PUC ainda tem, mas em outra linha, não? Mas como Universidade Católica para alunos, tem que ter 12 créditos.

(E) - Até eu contar um caso muito engraçado. Porque, o nosso professor de religião, era o padre Barbosa; então ele estava falando sobre a necessidade que a gente tinha de fazer os casamentos religiosos. E aí ele falou, ele era muito dramático: Minhas filhas, prestem atenção no que eu vou dizer. Antes do casamento é preciso haver uma confissão. Agora vocês tenham cuidado, minhas filhas, que a confissão deve ser feita na manhã do dia do casamento, vocês entendem, não é?

Na véspera (risos) de manhã. Aí eu disse assim: - Mas padre, então dentro desse conceito, o que se deve fazer ^{realmente} era separar o casal, até que fosse celebrado o casamento.

Ele disse: Você tem razão minha filha, em tese, mas a gente precisa ser prático (risos)

(A) - A verdade, a realidade é outra (risos).

(E) - Eu não posso me lembrar dessa história. Porque a gente estava convencida que era uma missão apostólica.

E foi realmente, com a ida dessas pioneiras aos Estados Unidos, que se começou uma linha de ação mais técnica, mais profissional, vamos dizer.

(A) - Agora, Edith, como você vê a introdução do Serviço Social, no Brasil?

(E) - Eu vejo realmente como uma forma de apostolado religioso, católico, foi isso que foi feito.

A Stella de Faro, que foi a fundadora do Instituto Social, uma ocasião conversando conosco lá no Instituto. Ela disse o seguinte: Que antes de chamar aquele Grupo que veio da Rosta, Marsaud e outras, ela pensou muito.

Se ela chamaria um Grupo amaricano, ou um Grupo europeu. Então ela refletiu muito e afinal se desseu pelo europeu.

Fundamentada em dois pontos: Um o Grupo europeu que ela conhecia, traria uma linha religiosa; outro, que a preocupação estava centrada na família, coisa que na linha

Isso foi depoimento verbal dela, ela não está aí para confirmar.

Mas à ela, realmente foram os dois pontos ...

(A) - Tudo se leva a crer, realmente isso que você está dizendo é verdade, pelo menos pela documentação era seguida pela preocupação dessa parte dos trabalhos em família. Até no congresso Pan-Americano se tratava da parte de família adolescentes, não é? E também cuidavam do problema operário, que era um problema, na época, trazia muita preocupação.

(E) - Olha, eu não sei sabe? Se esse problema de empresa, que surgiu logo em seguida, se foi realmente uma coisa de momento ou se era uma experiência que a Marsaud trazia da Europa.

Porque ela trabalhou em empresa na Europa, compreendeu?

Então eu tenho a impressão, que a ênfase que foi dada ao Serviço de empresa, na ocasião, se deveu à experiência que ela trazia.

É evidente que ela só podia transmitir o que ela sabia, a experiência dela.

Como ela trabalhou em Serviço de empresa, na França, eu tenho a impressão, que isso, também mas isso é impressão minha, compreende? Porque a Marsaud era uma pessoa que falava muito pouco de si mesma, ela não falava, era difícil.

Se você quiser reconstruir a vida da Marsaud, você não tem com quem, a trôco de que?

(A) - Agora, Edith, uma pergunta. Você acha que essas primeiras Assistentes Sociais, tinham conhecimento do que se passava no torno da realidade política, econômica, social, daquela época?

Ano de 37?

Estado Nôvo?

Getúlio Vargas?

Havia esse problema todo operário, e outros problemas políticos?

As primeiras Assistentes Sociais tinham ...

(E) - Isso aí é problema de "achismo", eu não sei realmente. Eu pelo menos quando eu fui eu não tinha essa preocupação ...

(A) - Eu digo assim, de você ter essa informação, pelo menos na Escola?

(E) - A minha informação, não era levada para a Escola, nem era discutida.

(A) N- Não? Nem com os professores? Não se colocavam nos primeiros curricul...? 86

(E) - Não. Você sabe de uma coisa, aquelas primeiras turmas, do Instituto Social era toda de gran-fino, então esse problema político, de operário, não passava pelas cabeças delas, não.

O que eu estudava mais assim, era jújubalangandas (risos), bailes das debutantes, girls, coisas assim é que se discutia, fatos sociais. Era em torno disso.

Essa solidificação que veio depois, na ocasião não havia mesmo. O que havia era uma lenda religiosa em que as pessoas adeptas da Ação Católica, de comunhão diária, retiro espiritual, todo ano a gente fazia retiro espiritual, porque fazia parte do currículum e uma parte assim social, que hoje em dia, o equivalente atual é Ibraim Sued, que naquela ocasião nem eu sabia quem era.

Eram aquelas pessoas : filha do Ministro do Trabalho, a filha do Industrial João de Campos, era a gran-fina que frequentava aquilo lá.

A princesa D. Tereza, foi aluna do Instituto Social.

(A) - Ah, é.

(E) - É. A D. Celina Guinle Paula Machado, cujo nome pode ser escrito em cifrões, era patrona, foi quem doou o prédio, que naquela ocasião custou 4 milhões, nem era cruzeiros, ainda sei lá o que é hoje, sei que era uma fortuna. Que foi feito daquele prédio ?

(A) - Eles continuam com a congregação ?

(E) - É da congregação.

(A) - É da congregação ?

(E) - Naquele tempo o negócio da congregação, era um segrado horrível, não se podia falar.

(A) - É não se podia falar.

(E) - Depois não sei como, é que se abriu ?

(A) - É.

(E) - Eu sei que a Aracy Cardoso, foi minha colega de turma, entrou para a congregação, no último ano do curso, não ? Você já entrevistou ela ?

(A) - Não, ainda não, porque ela está viajando e ela ia chegar agora, e eu estou aguardando a oportunidade ...

(E) - Aí você vai descobrir as pessoas que tinham entrado; quando elas começavam, usava mangas compridas e roupas

e andar de meias.

(A) - Ah !

(E) - Naquele tempo, por exemplo era proibido andar de calça comprida lá no Instituto , tudo assim .

Não se podia fumar.

(A) - Meias, chapéu, luvas.

(E) - Ah, isso : chapéu, meia e luvas, isso foi logo no principio. Era uma coisa (risos).

(A) - Você pegou essa época ?

(E) - Eu peguei, pois foi em 39 ou 40, que entrei para lá. Para visitar, era de meias, chapéu e luvas. Eu não tinha chapéu, e nem tinha dinheiro para chapéu (risos). O inferno, essa época.

(A) - E como foi que você se arranjou ?

(E) - Afinal arranjava chapéu emprestado, não sei o que ... (risos).

Teve um dia, que nos mandaram visitar uma exposição no Palace Hotel, que nesse tempo era o hotel mais gran-fino que havia na Avenida Rio Branco, atualmente não existe mais.

Eu sei dizer que eu fui andando com as meninas, quando elas entravam eu continuei, não entrei. No dia seguinte, levei um pito da Pietromarchi, que ela tinha me visto muito bem, que eu tinha fugido, que eu não pensava que ela tinha visto, e que ela reconhecia que eu não estava vestida adequadamente, para ir lá.

Mas que eu não devia ter agido daquela maneira. Que eu devia sair (risos).

(A) - De outra maneira ?

(E) - É levado os mosquitos e sair. Numa ocasião, nós fomos fazer uma visita e na volta, compramos num botequim qualquer e compramos sorvete, picolé.

Entramos no Instituto chupando picolé,, menina, foi uma "pitaria". Mas era conhecido Colégio de freira; eu que tinha acabado de sair de Colégio de freira , antes das aulas se rezava, era um colosso.

(A) - Escuta, Edith, como você vê o primeiro currículum do Serviço Social, que é o que você aprendeu ?

(E) - Nossa Senhora ! Era assim uma enciclopédia, sabe ?

Você tinha que saber de tudo, E evidentemente, você não sabia nada de cozinha.

Eu me lembro que tinha :

Alimentação, a parte de saúde, era uma coisa . tinha higiene mental, higiene social.

A parte de Direito tinha :

Direito civil, direito do menor, direito do trabalho, direito internacional, direito de não sei o que ...

Tinha Biblioteconomia, tinha alimentação, tinha nutrição, e ainda tinha a parte prática, não é ?

Tinha enfermagem, você tinha estágio de dar injeção e mais não sei o que.

(A) - Quando você retornou, que você terminou o curso, já tinha havido alguma mudança ou continuava na mesma, em 46 ?

(E) - Não ? O currículum teórico era mais ou menos o mesmo; o que tinha mudado, era aquela parte de enfermagem que tinha sido ^{suprida} .

E no currículum teórico, tinham introduzido religião.

Então a parte de religião, era a coisa mais engraçada do mundo, não vá botar isso não.

(A) - É... Ah !

(E) - Era uma coisa muito séria. Mas isso não era uma pergunta inteligente de se fazer ?

(A) - Eu acho ?

(E) - Mas até hoje ...

(A) - O Edith, então, as suas experiências, no Serviço Social, que você teve ?

(E) - Aí, eu fui para essa fase, quando eu tive essa experiência que eu considero uma experiência assim.

Aí, mas então depois eu nessa fase, eu organizei uma Mútua entreoperários . Aí tive muitos benefícios, por exemplo: quando nascia uma criança, eles recebiam uma importância tal.

Até teve um homem, que registrou o filho que não era dele, para ganhar o benefício (risadas). Foi nessa ocasião, que se criou o SESI e o SESC, tinha um serviço de alimentação, então eu consegui mandar buscar os alimentos no SESI.

A fábrica todo dia mandava uma camioneta lá, trazer os alimentos e distribuia aos operários, a preço muito barato.

Então servia-se leite, para complementação de alimentação. E eu consegui um negócio que era o seguinte :

Quando uma pessoa faltava ao serviço por motivo de saúde, essa Mútua, completava o salário deles.

Mas tinham vários benefícios da Mútua. Eles elegiam os seus representantes. Tinha até um camarada que se candidatou à presidência da Mútua, mas aí, o gerente ficou apavorado, e me chamou : - D. Edith, a senhora comece com esse negócio de querer que operário participe. Se esse fulano for eleito, não vou deixar ele entrar. Aí eu disse : Mas, espera aí, o senhor permitiu que se fizesse a Mútua; eu estou fazendo tudo de acordo com o senhor. Agora se ele for eleito tem que assumir.

Mas o senhor pelo amor de Deus ...

Aí eu fiquei apavorada, sem dormir, sabe ?

Chegou o dia da eleição, e o operariado em massa compareceu, para votar.

Isso foi depois do expediente. O expediente terminou 4 a 5 horas. E o pessoal em massa, ficou para votar na Mútua, sabe ?

Quando veio o resultado, eles faziam questão de apurar lá. E o tal comunista, não foi eleito, foi derrotado.

Aí cheguei em casa, telefonei para ele, o gerente, e disse : O senhor me desculpe estar telefonando para sua casa, mas eu estava tão aflita para lhe dizer que quem ganhou, não foi a chapa do comunista. Sabe que ele me respondeu ? Eu já sabia disso.

Mas porque o senhor fez eu passar por tanto susto ?

É para a senhora aprender D. Edith, que a senhora precisa tomar muito cuidado. Porque lidar com operário não é brincadeira não, a senhora é muito jovem, muito inexperiente.

Eu ficava danada quando ele dizia isso, o que era verdade e ele estava tentando apenas me ajudar. Que coisa engraçada, é que os operários rejeitavam.

(A) - Rejeitaram, não é ?

(E) - E foi voto assim secreto, sabe ?

(A) - Sei.

(E) - E eles mesmos ficaram lá apurando e não acabaram enquanto não houve a apuração e o homem perdeu, o tal comunista, engraçado, era comunista declarado mesmo.

(A) - Sei.

(E) - Mas aí depois eu fiquei lá, o negócio acabou não dando certo mesmo. Porque realmente, eu reconheço, que eu não tinha preparo para aquilo. E até hoje eu acho que é um dos casos mais difíceis.

(A) - Bastante questionado.

(E) - Mas você sabe que eu acho, talvez, fosse um grande campo, mas desde que houvesse uma especialização, mesmo para que você pudesse aprender aquilo e você pudesse entrar na engrenagem e virar a produção. Porque o que a gente queria, era o bem estar operário.

Bem outra coisa que hoje em dia eu vejo, é o seguinte: não adianta você trabalhar com o operário, porque é um grupo que não tem força, a não ser numérica, o poder de decisão, não está na mão dele.

(A) - E os sindicatos, também, não podem funcionar como deveriam funcionar.

(E) - Então, eu acho que você tem que trabalhar, é com os grupos de chefia. Então você fica com aquele grupo de operários, cuja problemática é sem dúvida econômica, e você não pode aumentar os salários, porque se não dão lucro à empresa.

(A) - E eles ficam então, nas Leis do benefício; o INPS, já dá também, não é?

(E) - É. Agora acho que é um campo assim que merecia ser muito bem analizado, muito bem pensado e preparado. E não botar uma menina de 23 anos, como eu fui jogada lá, para você ver o quanto, esse troço me assustou, que num ano, perdi 20 quilos;

(A) - Imagine.

(E) - Foi de tanto desgosto que eu ficava de ver aquele troço acontecendo todo na minha frente, e eu realmente, sem saber o que fazer. E sem ter a quem perguntar, porque...

(A) - Porque as Assistentes Sociais, naquela época, também não tinham experiência para dar alguma orientação.

(E) - Então eu entrei em choque com o gerente e quando eu ia falar com a Marsaud, por exemplo, que ia perguntar...

(A) - Quem é que dava Serviço Social de empresa?

(E) - Não tinha. Tinha Serviço Social, não é?

(A) - É.

(E) - E só tinha Serviço Social de Caso.

(A) - Já no tempo da Josephina à respeito do Serviço Social de empresa. Só se foi depois disso. Deve ser depois disso.

(A) - Frustante, não ?

(E) - Horrível. E resolvi nunca mais trabalhar em empresa, nem queria nem entrar em fábrica, saí de lá completamente louca (risos).

Até que a Marsaud me arranjou essa bolsa da UNESCO, na França, onde fui estudar Assistência à Criança Física Emocionalmente Prejudicada, na França e na Holanda. E lá eu vi, realmente um campo muito bacana.

Mas, quando realmente eu comecei, por exemplo, eu fui visitar uma Instituição, para meninas.

Eram meninas, parecem, isso já foi há tanto tempo, que isso foi em 52, parecem que eram meninas, que não tinham família.

Eu sei que era Internato. E tinha lá uma Assistente Social, que me recebeu.

Então perguntei a ela : Escute, o que você faz aqui como Assistente Social ?

Porque eu via lá professores, e diretora da Escola, perguntavam a ela, qual a função da Assistente Social, que estava muito mal definida ?

Então perguntei a ela, como Assistente Social, o que você faz aqui ?

Ela disse assim : Eu estou estudando ainda, a minha função não está muito bem definida, porque eu sou nova.

Então eu calei a minha boca, porque vi que realmente lá eu também não estava muito bem definida.

E na França, nesse tempo era função do Assistente Social, era na linha que a Marsaud tinha trazido para cá, uma linha meio apostólica, Assistência Social, e tudo mais, não é ?

(A) - E já na Holanda, você ?

(E) - Mas na Holanda você só trabalha mais na empresa. E como eu não estava mais interessada em servir em empresa, por causa da minha experiência anterior.

O que eu visitei mais, foram as obras de atendimento à menor, aquela obra que eu te falei de Assistência ao Surdo, que eu achei uma coisa muito bacana de fazer com que o surdo, realmente se integrasse à Comunidade, da melhor maneira possível, aprendendo a falar, até aprendendo a damsar ou comunicando o sóm por todos os meios, não ?

E realmente, eu não vi bem qual era a função do Assistente Social, na Holanda,

como até hoje, eu não sei bem qual é. Porque eles trabalham mais é na empresa. Na Holanda. o Assistente Social está preponderantemente voltado para a empresa . E na França, nessa ocasião que eu estive lá, as empresas tinham muitas Assistentes Sociais; tem até uma Escola que forma só, Assistente Social, é só para isso. Mas eles estudam. Você sabe que eles tem que fazer estágio como operário ?

(A) - Ah, é ? interessante ?

(E) - Para você ser Assistente Social de uma empresa, você tem que fazer estágio como operário. Com toda exigência de um operário.

Você tem que chegar às 7 horas da manhã, bater o seu cartão de ponto, fazer todo o trabalho manual que um operário faz. E a parte disso, eles tem um curso, só para formar Assistente Social, na empresa.

(A) - Interessante. Afinal você ficou 7 meses ?

(E)- Eu fiquei ao todo, 6 meses.

(A) - 6 meses ?

(E) - 4 na França e 2 na Holanda.

(A) - Aí você retornou ao Brasil ?

(E) - Aí eu retornei ao Brasil, e vou ser secretária (risos).

(A) - De uma empresa ?

(E) - Da Severo Vilares, onde o diretor lá, o falecido Dr., como é o nome ?

Agora me esqueço o nome dele. Queria que eu fosse Assistente Social da empresa, mas eu não aceitei o cargo, e fiquei lá, como secretária.

Até que eu recebi uma carta da UNESCO, consultando sobre os resultados, sobre o que eu estava fazendo e de que maneira eu estava aproveitando o curso benefício, que eu havia recebido. Porque eu fui para lá, com tudo custeado por eles, eles me davam a passagem, e me deram um ordenado mensal, que me permitiu viver lá, bastante bem; durante esse tempo todo. Aí eles queriam saber o resultado desse benefício que eu tinha recebido. Aí, fui que a Balbina me indicou para ir trabalhar em Alagoas, porque a D. Ieda Collor de Melo, estava querendo implantar um serviço lá; porque o problema de Alagoas, é um problema, não ? Até a Leninha Corrêa de Araujo, foi para lá, e ficou bastante tempo.

(A) - Em Alagoas ?

(E) - É. E foi nessa mesma ocasião. Então eu fiquei apavorada de sair, de Paris para Maceió e fui procurar Cleanto Paim Leite, que é que tinha me arranjado essa Bolsa na UNESCO. Ele então me apresentou ao Basílio Machado Neves e o Basílio Machado Neves, me admidiu no SESC, em 1953.

(A) - 23 anos?

(E) - Caminhando para 24, não é? Quer dizer, eu tive na Holanda em princípio de 52 e voltei em fins de 52.

(A) - E em 53 e tal?

(E) - E nesse fins de 52 e abril de 53, eu trabalhei na Severo Vilares.

Depois fui para o SESC, onde estou até hoje.

(A) - Agora, no SESC, no inicio qual era a sua atribuição?

(E) - As minhas atribuições, era, implantar o Serviço Social de Grupo no Brasil inteiro. E tambem eu não sabia isso (risos).

Foi aí que comecei a estudar. Eu trabalhava junto com a Balbina e a Balbina tinha vindo dos Estados Unidos, então eram nós duas lá, brigando a bessa.

Porque a gente brigava que era um horror, não? Porque nós eramos encarregadas disso de ir aos Estados e implantar o Serviço Social. Agora não tinha Assistente Social nos Estados, não tinha nada. Era uma improvisação total de tudo e aí a gente ia aprendendo. Foi aí que surgiu aquele livro de Gertrude e Ryland, que nós resolvemos traduzir.

(A) - Ah, foram vocês que traduziram?

(E) - É Balbina e eu.

(A) - Teoria e Prática do Serviço Social de Grupo.

(E) - A Balbina e eu começamos a traduzir, depois nós duas eramos muito mais tradutoras e achamos aquilo muito chato, e contratamos a D. Laura; você se lembra da D. Laura? ela é que terminou a tradução; mas, tem uns capítulos ali^{mais}, que são meus, outros de B. Balbina, outros são de D. Laura.

Eu sei que a D. Laura, fez a revisão e publicou-se, então aquele livro é era por aí quilo que a gente se orientava.

Depois então foram surgindo outros trabalhos, artigos, não sei o que.

Nós fixemos um curso com Americ Grandg nes a aí surgiu meu interesse por Serviço Social de Grupo, que continuei a estudar.

(A) - Até hoje ?

(E) - E depois eu encontrei a Knopka e achei que realmente a Knopka tinha colocado, depois surgiu o Trecker, o Trecker teve o seu tempo de glória. Foi do seu tempo ? a Helena é tarada pelo Trecker, né ? Eu também tive minha fase, de fã de Trecker, hoje em dia o abomino (risos).

Cada um teve a sua época, era ele e sobretudo o Trecker, dava assim uma falsa segurança, porque tudo dele era muito organizadinho, não é ?

Então a gente que vivia naquela insegurança e encontrava no Trecker, uma falsa segurança, desandou a desenvolver o Trecker por aí.

Mas depois que surgiu a Konopka, então eu me alinhei a linha da Konopka e as minhas duas grandes experiências práticas em Serviço Social de Grupo são realmente da CPP, na rua Bambina, onde trabalhei 3 anos com Grupos jovens e adultos e aí já numa linha de lazer, as vezes nessa linha de tratamento, porque a gente ia identificando ali muitos problemas de lazer, então os grupos de pessoas mais problematizadas e uma experiência muito boa que eu tive no STOP.

O STOP é um Serviço de Orientação e Tratamento Psicológico, com a Neide ...

(A) -, Neide Lobato ?

(E) - Exato.

(A) - Era no Maracanã, não é ? Agora está onde ?

(E) - Continua lá.

(A) - Continua lá ? Porque, não é ali que vai passar o metrô ?

(E) - Ah, isso não sei. É possível que passe. Aí eu tive que sair de lá.

Mas lá tinha equipe de médico, psicólogo e Assistente Social. Então o Assistente Social, fazia entrevista individual, análise médico social; o médico fazia o exame físico e o psicólogo fazia testes psicológicos.

Depois havia uma reunião da equipe para discutir o tipo de tratamento que devia ser dado, se era individual ou se era em grupo e a família era automaticamente incluída, como parte integrante do tratamento.

Então eu trabalhava com um grupo de mães, trabalhei durante 5 anos, lá com esse grupo de mães.

(A) - Agora você não está mais, não ?

(E) - Não, eu saí

(A) - Saiu ?

(E) - Eu saí porque lá no meu serviço eu fui mobilizada para viajar muito. Então era um problema, eu concluía uma coisa ou outra.

Como as minhas reuniões lá, eram 5^a feira. Eu viajava assim, de sexta até 4^a (ratos).

(A) - E, 5^a você estava aqui ?

(E) - É, e 5^a eu estava aqui. As vezes eu ia para lá com a minha malinha.

Saía de lá para o aeroporto. Aí começo a ficar muito difícil, realmente.

E aí tive que deixar; mas foi realmente uma experiência muito gratificadora.

Porque quando eu comecei a estudar Serviço Social de Grupo, a ideia que o Serviço Social de Grupo era uma coisa assim para criança, e só se pensava em jogos, recreação, lazer etc.;.

E o adulto nunca se preocupava se o adulto não era atendido. Depois a coisa foi realmente, se ampliando e se formando grupos de adultos e tudo mais.

E depois, não sei porque fui ganhando fama com esse negócio e comecei.

(A) - E aquele livro, "Dinâmica para o Serviço Social" ?

(E) - Aquele livro, foi o seguinte. Aquele livro, foi que fiz um curso na Holanda em 1962, um curso de Política de Bem Estar Social, e uma das exigências desse curso, era que você fizesse um trabalho de conclusão de curso.

Como nesse tempo eu trabalhava no CTP, que era um Centro de Treinamento de Pessoal, eu quis fazer um trabalho que fosse ligado às minhas atribuições aqui.

Então uma das coisas que, até, conversando com a Helena Farah, que a gente tinha descoberto, que uma das dificuldades do Assistente Social em trabalhar com grupo era que a gente não tinha estudo sobre o próprio grupo.

Então, para você trabalhar, você precisava conhecer melhor o grupo. Então nesse caso, que fiz lá na Holanda, eu procurei estudar o grupo.

Aquele livrinho que hoje está publicado por aí, por tudo que é canto, foi o meu TCC, lá da Holanda, comprehende ?

(A) - Sei.

(E) - Aí foi traduzido, já está na 3a edição.

(A) - É ? Eu tenho.

(E) - Você tem ? Foi primeiro publicado pelo SESC e depois pelo CBCISS.

(A) - Adiante, você tem sempre escrito alguma coisa à respeito do Serviço Social de Grupo, não é ?

(E) - Pois é, ; aí eu desandei a escrever. E outra coisa que eu tenho aprendido muito é que comecei assim, a ser procurada para dar Supervisão .

(A) - O que é muito bom, não é ?

(E) - Então com o meu supervisionar, tenho aprendido a bessa (risos).

Eles pensam que estão aprendendo, mas quem está aprendendo sou eu. E aí...

(A) - Não ! É que você tem estudado muito, não é Edith ?

(E) - Eu tenho estudado muito sobre esse assunto.

(A) - Você tem se dedicado muito, quer dizer, tem repetido a sua experiência no SESC, quer dizer então, que o limite que através das experiências que as pessoas trazem à você e mais o seu conhecimento teórico e também a sua vivência, porque de maneira você ...

(E) - Agora eu no SESC, eu tenho uma função meramente administrativa, que é um "saco", não é ?

(A) - É.

(E) - Mas em todo caso...

(A) - Mas você tem que dar esse respeito que você faz esse tipo de liberar o maxismo, para você se dedicar mais a esses estudos.

(E) - Não, agora eu faço isso por minha conta. Eu tenho até um livro sobre Serviço Social de Grupo, está ali, mas não sei se vou publicar.

(A) - Porque Edith ?

(E) - Não sei. Mas cada vez que eu vou ver, acho que falta alguma coisa, que precisa se modificar, aquele perfeccionismo, sabe como é ?

Outro dia, conversando não sei com quem, ela disse : Você tem que arriscar, se não for bem aceito, não foi.

(A) - É.

(E) - Mas é que eu mesmo fico olhando assim : Ah : essa não está bom não, já pedi a Leila para ter a bondade de ler, e correndo correndo, ela me deu valiosas sugestões e me disse que eu podia publicar

(A) - Acho que você devia publicar, Edith. Porque o que nós temos sobre Serviço Social de Grupo, é todo uma literatura americana traduzida, e muitas vezes, não bem traduzido.

(E) - Agora você sabe que eu fiz uma questão enorme de ilustrar meu currículum, só com experiências brasileiras.

(A) - Isso é que é importante.

(E) - Meninas só isso eu tive ... Olhe eu fiquei encantada. O que eu tenho de relatório aqui em casa, não está no "gibi", viu ?

Prá contar, um pedacinho aqui, outro acolá. Até vou te dar um negócio que talvez te agrade, espere aí.

O que é mais que você queria saber ?

(A) - Alguma coisa a mais da experiência que você tenha realizado, que você gostaria de falar ?

(E) - Olha uma coisa que eu fiz e que gostei muito de fazer, foi esse trabalho aqui que publiquei em 1968, menina lá se vão quase 10 anos, que se chama : "Alguns aspectos do Serviço Social de Grupo", no Brasil".

Esse trabalho, eu mesmo faço uma grande crítica a ele, que é o tal problema que você está defrontando com ele aí, da elaboração da pesquisa, como se chama isso ? Ah. Do questionário, não é ?

(A) - Do questionário.

(E) - O questionário foi muito mal feito, foi feito por mim, sem nenhuma experiência.

É verdade, que eu consultei um sociólogo, cujo nome vou omitir (risos), porque ele me disse que estava bom. Mas a verdade, é que não estava bom. Porque todas as perguntas estavam em aberto.

(A) - Que nada.

(E) - Isso é coisa que se faça em um questionário. Todas as perguntas estavam em aberto. Mas, de qualquer maneira, foi assim uma experiência que me deu uma visão do Serviço Social de Grupo, no Brasil. Isso já relatei, não ? E ali tem uma porção de relatórios. Alias eu estava mais interessada, era realmente naquele relatório do que aquelas perguntas fechadas, que eu não gostei muito daquilo, não.

(A) - Sei.

(E) - Agora, esse livro "Ensino da Dinâmica de Grupo as GIRLS", Assistente Social de Grupo, conforme já disse,

foi o trabalho da conclusão de curso, lá do negócio, não é ?

Essa intervenção do Serviço Social à nível de Grupo, que é o documento 33 do CBCISS.

Eu fiz isso aqui para Terezópolis. Isso aqui já está revisto. E eu melhorei aquele troço.

Isso aliás, foi um trabalho que eu fiz durante anos a fio nesses cursos que eu dei.

Eu fui recolhendo assim, material, fui discutindo isso com aquelas meninas e fiz esse trabalho, que está sendo novamente divulgado por aí, mas que já está revisto e está lá junto com o baú vermelho (risadas).

(A) - O famoso baú vermelho.

(E) - Ainda não está publicado. Mas eu acho que é uma das grandes contribuições, que eu já dei ao Brasil; é através desse trabalhinho aqui, sabe ? E as novas perspectivas para o trabalho de Grupo; isso aqui foi publicado em Debates Sociais e o título inicial, era o seguinte : "A Função do Assistente Social de Grupo, no SESC".

Em que eu pretendi definir no SESC, qual era a contribuição, que o Assistente Social, poderia dar.

A Dora Machado, achou que com esse título, ia ter pouca aceitação no trabalho.

E botou " Novas Perspectivas, para o Trabalho de Grupo ". E o conteúdo, é só o Assistente Social (risadas).

Mas por causa desse trabalho, eu recebi uma visita de uma moça, perguntando se tinham deixado eu continuar no SESC. Porque eu criticava o SESC. Aí eu disse : Não, não houve problema nenhum, o Dr. Meireles viu o trabalho, antes de ser publicado e achou que devia ser publicado. Porque a crítica, é uma coisa válida .

(A)- Claro.

(E)- O que é uma crítica com visto a ...

(A)- Melhoria.

(E)- É melhoria, E o Regional de Santa Catarina, me convidou para ir lá discutir o assunto com eles.

(A)- Hum .

(E)- De maneira, que foi muito bacana. Agora, esse daqui, "Documentação e Serviço Social de Grupo" , é um dos capítulos desse famoso livro, do baú vermelho. Que ficava muito grande no livro e resolvi tirar e então publiquei como naquela coleção verde do CBCISS.

(A) - Sei.

(E) - Esta sendo muito procurado pelas Escolas de Serviço Social. Não sei se na PUC existe.

(A) - É tambem. Todo documento que apareça ... (é interrompida)

(E) - Eu faço uma crítica ao Saul Berstein, que vodê chamaram para dar um curso, não é?

(A) - É.

(E) - Mas parece que não foi muito bom o curso, não?

(A) - Eu não fiz o curso, não é Edith?

(E) - Não fez, não?

(A) - Eu não fiz o curso, de maneira que eu não posso te dizer.

(E) - Mas esta muito ultrapassado.

(A) - É. Mas isso é um problema a parte.

(E) - É outro, não?

(A) - É outro problema.

(E) - Porque naquele tempo.

(A) - É, porque a pessoa que vinha, era outra, mas acomtece que não pôde vir, então foi sugerido Saul Beerstein. Então levei o convite, porque era uma verba dada pela CAPES, não?

Então se aproveitou e veio, então, Saul Berstein.

(E) - É uma pena, porque ele já está muito ultrapassado, não é?

(A) - É.

(E) - Lá tem gente, tem aquela Margareth Hartford.

(A) - É essa, alias a Helena tinha um livro.

(E) - É aquele livro foi meu, que ela roubou mesmo.

(A) - Te roubou? (risadas).

(E) - Eu caí na besteira de emprestar o livro para ela.

(A) - Aí, já sabe?

(E) - Aí ela foi lá e perguntou se ela podia ficar com o livro. Ela me pagou, não é?

(A) - Se é

(E) - Mas (risadas).

(A) - Foi entregar, não?

(E) - Não ela ficou com o livro e mandou buscar outro nos Estados Unidos, para mim.

(A) - Ah, sim.

(E) - Aquele livro é muito bom.

(A) - Muito bom.

(E) - Ah, eu tenho, eu emprestei a ela para ela ver.

(A) - Sei.

(E) - Ela gostou tanto que foi lá e fez essa indecorosa proposta (risos).

(A) - Ainda bem, que você tem o livro também, não é ?

(E) - Tenho aí, ela mandou buscar nos Estados Unidos. Eu emprestei dois a ela. Os dois ela quis que ficasse na biblioteca, porque aquela autora era muito boa. E esse material didático, que fala sobre Serviço Social de Grupo, isso daqui foi o seguimte ; Quando eu estava fazendo o meu livro eu fui anotando, todas as definições, conceitos, objetivos e não sei mais o que.

(A) - Eu tenho esse material.

(E) - Você tem ? Aí eu peguei, coleei tudo no papel e a Dora Machado publicou.

(A) - É, publicou.

(E) - Agora, Mas aquilo pra ensino, estudo, é muito bom mesmo.

(A) - Muito bom.

(E) - Pra você ver a evolução das coisas, não é ?

(A) - Isso é muito adotado lá na graduação. E também na pós-graduação, porque é sempre bom.

(E) - É mais em trabalho de compilação. Mas não tem problema.

(A) - Mais ajuda, não ?

(E) - É porque em vez de você procurar, já está procurado (risos).

(A) - É . Você não encontra em nenhum livro.

(E) - É exato, tem livro que já está esgotado. De maneira que esses que eu tenho publicado. São trabalhos

Eu tenho esse livro aí que posso ~~publicar~~ publicar.

(A) - E fora as conferências, e fora os discursos ?

(E) - Isso daí é uma coisa, não é ?

(A) - Mas você precisa fazer mesmo é o livro sobre o Serviço Social, esse é que você precisa fazer.

(E) - Pois é. Você afinal veio me entrevistar, ou veio me dar órdens ? (risadas)

(E) - É né ? Mas eu acho que você tem razão, inclusive eu tenho pensado em pegar isto.

(A) - Seriamente, eu acho que temos até, um raciocínio profissional. Isso que é chato.

(E) - Mas você sabe o que aconteceu com esse livro ?

É o seguinte : que o plano do livro tinha um capítulo sobre técnica, um capítulo sobre campo de aplicação, um capítulo sobre relatório, um capítulo sobre vários assuntos.

(A) - Sei.

(E) - E tinha um 1º capítulo que era ; O que é Serviço Social ? E sus objetivos ?

(A) - Sei.

(E) - E você sabe que foi nesse 1º capítulo, que eu empaquei (risos).

(A) - Hum ! Eu acredito.

(E) - Porque realmente, você tem que pensar muito nisso, então o resto, está todo feito, inclusive eu não teria assunto. Tinha esse capítulo sobre documentação que eu achei que ficou desnecessário, que ~~era~~ ^{era} meio pesado, inclusive era uma coisa mais didática.

(A) - É.

(E) - Então eu tive um prjuizo, Mas esse é que seria um capítulo principal e que você fala, fala, e a resposta que as pessoas deveriam encontrar nos livros. Então o que interessava nesse capítulo, não está no "gibi".

Mas eu agora eu já fiz, e refiz esse capítulo, ^{ultr} milhões de vezes. Mas agora, penso que já encontrei a resposta para ele.

(A) - Então está ótimo.

(E) - Então agora é só fazer uma revisão assim.

(A) - Ah, que bom.

(E) - E publicar. Vamos ver esse capítulo.

(A) - Vamos ver se ano que vem isso sai.

(E) - Ah, é. Se Deus quizer, vai sair.

(A) - Tem que sair Edith.

(E) - Não, porque agora, eu não sabia escrever, porque eu não tinha ideia.

(A) - Sei.

(E) - Pelo menos uma proposta de ideia.

(A) - Uma proposta de ideia ?

(E) - Que você pergunta a um Assistente Social, qual é o objetivo do Serviço dele ? outro dia, a Maria Alice Cárrea, não vai botar isso no seu negócio, não. Fizeram uma pergunta a ela, o que era Serviço Social. Ela não soube responder. Disse que não sabia. Então um livro de Serviço Social, não tem isso ?

(A) - É, realmente, fica difícil.

(E) - É muito difícil. É o tipo de profissão, que se não for

bem interpretado, com moderação. A Tecla Machado, procurar objetivo de Serviço Social e não encontrou (risadas).

(A) - Vai desistir ?

(E) - Exato. O Lucena tem lá a proposta dele, a Helena Junqueira, também tem, que a situação Social é um problema, não é ?

A Tecla disse que é o processo de orientação Social e por ai vai, não é ?

(A) - É por ai vai vários estudos. Mas Eduth, Olha para finalizar eu gosto taria de saber. Em quantas fases você vê a evolução do Serviço Social, no Brasil ?

(E) - De quantas fases ?

(A) - É. Como você vê ?

Quais seriam os marcos para você ?

Poderia focalizar numa fase ou outra ?

(E) - Eu acho o seguinte: Que o Serviço Social começou uma orientação nitidamente religiosa. Depois ele atravessou uma fase política, em que o Assistente Social realmente tentava fazer, ou fez sei lá o que, proselitismo religioso.

Eu ate tenho isso também. Eu não sei se essas fases, assim cronológicas ou são mais ou menos com contamintante. Mas houve uma ocasião, pelo menos do Assistente Social de Grupo, que se confundido muito professor, não é ? Então eu vi isso aí, eu vi porque nas Escolas, por exemplo, é uma fase que acho horrível, é um enfoque que eu acho horroroso, e o Assistente Social em si, fazer com os grupos de que impõe, aquilo que ele aprendeu na Escola.

Então, eu ja vi Assistente Social, por exemplo, ensinando para um grupo, o que é um Grupo; o que leva as pessoas à um Grupo etc...

Tem uma outra, não sei se é fase ou corrente, não sei o que é.

Que é assim de uma formalização terrível dos Grupos.

Então, os Grupos tem que ter uma Diretoria, tem que ter um Presidente, tem que ter, como é que se diz isso, Atas, não é ? Programas prelimitários, Folhas de Frequência, uma série de coisas, assinaturas burocráticas; que a meu ver é a propria descaracterização do Serviço Social de Grupo e um temperamento natural de Grupo.

Tem uma parte assim de grande influência da Konopka em que foi tentando a implantação do modelo da Konopka.

Que é um modelo assim mais terapêutico, não é? E tem uma fase que é muito atual, que é uma imitação dos cursos do Lauro de Oliveira Lima, não é? Então a aplicação de todas aquelas atividades propostas por eles, sob o nome de "Técnica Dinâmica de Grupo" em que consiste o Assistente Social fazer com os Grupos, coisas retiradas desses livros de "Dinâmica de Grupo". E que no meu entender, também é uma caracterização do Serviço Social.

E essa me parece, a fase atual que no momento está mais divulgada, é isso. Mas isso é uma impressão que eu não tenho realmente nada que comprove isso, que estou dizendo.

Mas no ano passado, desse ano eu tive contacto através de cursos, pelo menos com 500 Assistentes Sociais. E desses 500, posso lhe dizer que, pelo menos, 400 estão nessa linha.

De maneira, que Lauro de Oliveira Lima, no momento é o autor mais citado pelos Assistentes Sociais.

- (A) - É mesmo? Interessante!
- (E) - Pode ser que ... pelo menos o pessoal que passou pela minha mão.
- (A) - É um número representativo, não?
- (E) - Eu fiz uma ficha de inscrição e perguntava assim: Quais os autores que a seu ver, influenciou mais o Assistente Social no momento? 90 por cento, Lauro de Oliveira Lima.
- (A) - Interessante!
- (E) - Outro dia, fiz uma conferência lá no Serviço da Maria Lima e então eu disse a ela o seguinte: Quando dois Assistentes Sociais, vão trabalhar juntos, conforme a Escola de onde provem, eles não falam a mesma língua, nem se entendem.
- (A) - Isso é verdade.
- (E) - Porque cada Escola transmite a sua verdade. E eu acho que esse tempo devia acabar, sabe? o que você devia transmitir, é a verdade de todos. Então eu dizia, por exemplo; segundo Arlete Braga, o Serviço Social é isso ...

Segundo Konopka o Serviço Social é aquilo; segundo Treker, Serviço Social, aquilo outro ... Porque não pode ser, senão qualquer pessoa teria o direito de optar pelo que quer.

Porque cada Escola transmite a sua corrente, como se fosse a única.

- (A) - E as vezes não dizem nem o nome, (risos)?
- (E) - E, não dizem nem o nome (risos).
- (A) - Misturaram todo o conceito de cada um, não é ?
- (E) - Exato.
- (A) - E ela coloca ...
- (E) - Olha, aliás, quem me chamou a atenção, sobre isso, foi um Grupo de alunas, que eu andei dando aulas, quando eu era daqui, da PUC. E elas me perguntavam : Mas quem é que defendia essa tese ? Ai eu fiquei de queixo caído e disse : Sou eu, e disse assim: Mas porque ?

Foi, minha filha, e aí fiquei pensando e realmente não tem o direito de fazer isso não. Eu tenho de dizer : É o Treker age assim, defende isso eu.

- (A) - É.
- (E) - A Konopka ...
- (A) - Defende isso.
- (E) - Exato ! Assim como se faz em análise, por isso cada um é Freudiano, outro Kleniano, outro é mais sei que lá. Mas você tem que ter uma visão de todos, para depois escolher a sua, e não é honesto você transmitir a sua corrente, como se fosse a verdadeira, compreendeu ?
- (A) - É. Você não acha que alguns Assistentes Sociais, estão começando a descobrir esse aspecto ?
- (E) - Eu pelo menos, descobrindo isso muito recentemente (risos).
- (A) - E.
- (E) - Que eu estou descobrindo isso que você para formar um aluno, você tem que dar essas visões. Para quando você fôr conversar: Que corrente ? Para você discutir com ele, confrontando a sua corrente com a dele. Porque, minha filha, eu dei um ano, onde tinha representante, parece que de 30 Escolas, quando eu falava um negócio, uma pessoa entendia,

Então eu não sei, eu acho que o Agente devia pensar nisso. Vocês que estão em Escola davam ...

(A) - Ten realmente, sido uma preocupação, agora ?

(E) - E ?

(A) - Desse aspecto .

(E) - De transmitir ...

(A) - Principalmente no Mestrado, e isso está sendo visto, aquele mito , autor por autor, o que e que ele defende, qual a diferença, vendo-se a bibliografia que os autores estão utilizando; faltaram quais autores, então isso vai dando uma visão.

(E) - E, eu acho isso muito importante.

(A) - Agora, realmente o Mestrado traz essa grande contribuição, quando você depara a pergunta : Serviço Social é ciência ?

(E) - E arte ?

(A) - É teoria. Existe uma teoria no Serviço Social ? Existe um Serviço Social de Grupo ? Quais são os autores ? Então eu recomeço a voltar los autoria e ver como eles vão definindo, não é ? O Serviço Social então ...

(E) - Pois é, porque o Serviço Social não nasceu realmente de um movimento de Grupo, não é ? E recreação, não é ?

(A) - É.

(E) - Mas aí ele evoluiu para outras coisas.

Agora em função dos autores. A Konopka, por exemplo, defende que o Assistente Social, trabalhava numa linha terapêutica e numa linha de Ação Social.

Maia o que ocorre, é, quando ela exemplifica, ela só exemplifica a linha terapêutica.

(A) - É, a linha terapêutica.

(E) - Eu falei isso com ela, quando ela esteve aqui.

(A) - Talvez seja a experiência dela.

(E) - É , a experiência dela, exato.

(A) - Então , ela tenta adaptar, como ela fala uma linha Social.

(E) - Exato, é !

(A) - Aliás, esse é um problema sério que até em Serviço Social de Caso, também, quando você vê na linha médica por exemplo, você está dentro na linha de Florence, quando o pessoal está na medicina de massa, não é ?

E que os problemas Sociais são todos políticos, não é ?

(E) - É.

(A) - Então realmente eles se sentem frustrados, não é ?

Estão fazendo Serviço Social de Caso, estão fazendo qualquer coisa assim. Mas no fundo, quando você vai ver elas estão fazendo Serviço Social de Caso, baseada na experiência da Florence, que está toda numa linha psiquiátrica.

(E) - É.

(A) - Ainda por cima Freudiana, quer dizer, não é ?

(E) - Quando aqui estiveram no Brasil, muitos Assistentes Sociais Americanos e eu fui encarregada de entrevistá-los, conversar com eles à respeito aqui do Brasil. Então, tinha um deles que era professor de Teoria do Serviço Social, eu então perguntei a ele, qual era a Teoria que fundamentava, e ele disse que era Freud. Eu não respondi nada não, mas pelo que eu ouço dizer, Freud já está ultrapassado, na própria psiquiátria, não é ?

(A) - Néo-Freudiana e já está defendendo outro hintis.

(E) - O que existe de corrente psicanalista, não está no "gibi", não é ?

E eles se engolem e tem os Freudianos que até hoje aquelas besteiras de Freud. Os Klenianos que adotavam a linha Melaine Klein; tem os culturalistas que é corrente Americana; tem o Young, a teoria de quecidente coletivo e agora surge mais uma corrente de síntese, que eu imagino que seja uma corrente, que tenta englobar todos os conhecimentos básicos de todas outras, mas não sei o que é, que é.

Porque o Freud, bota tudo no sexo, não é ?

(A) - É.

(E) - Tudo se resolve pelo ^{se} sexo. Acho que o Assistente Social for por essa linha, está ruim.

(A) - Mas, daí é que esta o grande problema, ele sem saber que esta usando Freud, não sabe o que esta usando, fala em reforço do ego.

Ele nem sabe dizer dizer o que é que é isso, não é ?

Isso realmente tem que ser colocado, tem que ser discutido muito à respeito do assunto, acho que tem sido muito bom, sabe ?

(E) - Você tem a tese de Maria Alice ?

(A) - Não. Ainda não li, a tese de Maria Alice.

(E) - Porque aquela menina, a Eloina, que examinou a tese, conversando comigo diz que toda fundamentação da Maria Alice, é toda Freudiana.

(A) - E o que é que você achou ?

(E) - Eu gostei muito.

(A) - Gostou?

(E) - Mas não acho que seja Freudiana (risadas),

Vai ver que o papo dá pé (risadas).

Nessa planta de arranjar sexo, para meter no meio, a cadeira é sexo , não é ?

(A) - É. Bom Edith, então eu queria agradecer você essa entrevista que você me deu.

(E) - O prazer foi meu.

(A) - Foi muito bom; conheci muita coisa de você que não conhecia.

(E) - É, né (risadas) ?

(A) - E quanta experiência você tem, e pode ficar certa que eu vou te cobrar seu livro.

(E) - Edith ri, e diz :

Cobra. Vou ver se eu consigo acabar de escrever.

(A) - Escreve sim. Acho que você tem realmente uma obrigação "profissional".

Que a muito tempo, você está estudando Grupo, você já tem dado muitas aulas; você tem estado muito em contacto com o pessoal do Serviço Social; você também teve a sua experiência, e você já tem algo a dizer; mesmo que depois que isso for vindo a ser reformulado mais fica alguma coisa para outras pessoas continuarem. a trabalhar sobre, mas não tem como trabalhar, não é ?

(E) - Eu não tenho a coragem da Balbina. Ela tem coragem.

(A) - Pois é, isso é que é.

Ela vai reformulando, agora diz ; Ih ! esta muito ultrapassado reformando tudo.

(E) - Edith ri.

(A) - O próximo vai sair melhor. Ih ! quanta besteira que eu disse?

(E) - Foi, né ? que bom ?

(A) - Essa coragem que eu acho que a gente precisa ter.

(E) - É, humildade.

(A) - É, humildade exatamente.

(E) - No fundo, o que não me falta é humildade. Eu sei que é.

(A) - Depois já se criou esse mito, a gente em volta o nome da gente, o que se diz ...

(E) - Se desfizesse esse mito, menina, é uma coisa.

(A) - Mas é que você foi uma pessoa que estudou, tem estudado muito Grupo, tem que falar tem conferência e todo mundo está te ouvindo.

Edith é a única. Houve um tempo de Arlete Braga, agora é Edith.

Então, realmente as atenções voltam para você.

(E) - Eu queria a bondade que você desfizesse essa besteira.

(A) - E o produto brasileiro ?

(E) - Não sei. Deixa alguém aparecer para falar, sabe ?

(A) - Pois é. Você precisa deixar um livro seu, para começar instalar, já faltava no seu serviço para criticar e escrever alguma coisa, não é Edith ?

(E) No momento o que eu estou preocupada é desfazer esse mito, sabe que é tão chato.

Isso afeta qualquer pessoa.

(A) - Acho que o bloqueio mútuo, não ?

(E) - E afasta você das pessoas.

(A) - É fato.

(E) - Olha aquela ali, é Edith Motta. Olha aquela ali, é Edith Motta. Você não sabe que coisa horrível que é isso.

(A) - Parece o que você diz é a única verdade, não é ?

(E) - Ou então, que é mentira.

(A) - É.

(E) - E aí se formam as correntes opostas, também, e aí você não pode dialogar.

(A) - Quando não é ? Não ?

(E) - Pois é, no fundo eu sou um ser humano.

(E) - Que tem dôr de Estômago, dôr de dentes, igual a todo mundo (risos).

(A) - Tentando ajudar as pessoas.

(E) - É só isso?

(A) - Bem, Edith. Bom mais uma vez obrigada, pela sua colaboração.

(E) - Foi um prazer.